

Brasília Tátil: **Turismo cultural** inclusivo para **deficientes visuais** e comunidade escolar

LUCIANA LOPES CAVALCANTE * [lucianalopes@unb.br]

CÉSAR ACHKAR MAGALHÃES ** [brasiliatatil@gmail.com]

Palavras-chave | Turismo, Património Cultural, Arte-Educação, Deficiência visual, Estímulo sensorial, Criatividade.

Objetivos | 1. Consolidar o roteiro turístico Brasília Tátil enquanto proposta inclusiva, envolvendo aspetos paisagísticos, urbanísticos, arquitetónicos e artísticos que contribuem para as especificidades plásticas de Brasília; 2. Ampliar as possibilidades de leitura da paisagem e de obras de arte, por meio de práticas sequenciais envolvendo estímulos à sensação, percepção, cognição, criação e reconhecimento de elementos estéticos; 3. Consolidar material pedagógico associado ao roteiro turístico Brasília Tátil.

Metodologia | O projeto Brasília Tátil baseia-se nos conceitos e práticas norteadoras do turismo cultural e apropria-se de abordagens em educação artística, envolvendo a análise de objetos de arte e elementos paisagísticos sob diferentes enfoques: aspetos físicos/materiais, desenho/composição (linhas, formas, volumes, texturas, temperaturas, direções, movimento e escalas), função/uso, construção/processo e valor/significado. O projeto fundamenta-se de duas correntes de pensamento em arte-educação: a abordagem triangular, contextualizada pela educadora brasileira Ana Mae Barbosa, que consiste em três eixos de aprendizagem interligados – a leitura de imagem, a contextualização e o fazer artístico, – e o modelo visual ‘Thinking Strategies’, de autoria da psicóloga cognitivista Abigail Housen, método centrado na leitura atenta de um objeto para o desenvolvimento do pensamento crítico. Destina-se a dois públicos distintos: pessoas com deficiência visual em diversos graus de severidade e escolas inclusivas de Brasília. O projeto Brasília Tátil possui etapas complementares: A) O roteiro turístico Brasília Tátil, quando são visitados espaços representativos da cidade, contemplando diferentes momentos: aprender a locomover-se, sentir, perceber, interpretar e observar/registar; B) A oficina de criatividade e modelagem em argila, quando são planeadas e construídas esculturas a partir dos elementos estéticos apropriados no roteiro turístico e da desconstrução das obras nos seus elementos formais, por meio da reflexão sobre a sua sintaxe visual/tátil; C) O material educativo – diários de bordo, cuja estrutura dialoga com tendências educativas do relatório Jacques Delors: o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a viver juntos e o aprender a ser.

Principais resultados e contributos | A metodologia desenvolvida procurou acessar os mecanismos mentais necessários e uma observação consciente das imagens, favorecendo a interpretação e a leitura não só das obras e paisagens visitadas, como das informações visuais do cotidiano. A técnica adaptada para pessoas cegas organiza o sentido da espacialidade e proporção, influenciando na qualidade tátil e estética e contribuindo na re-significação do processo

* **Especialista em Ecoturismo**, pela Universidade de Brasília, **Educadora** ambiental e patrimonial, Associação Brasileira de Deficientes Visuais, **Gestora** de Projetos em Turismo, Universidade de Brasília.

** **Licenciado em Educação Artística** com Habilitação em Artes Plásticas, pela Faculdade Dulcina de Moraes, Arte-educador, Associação Brasileira de Deficientes Visuais.

cognitivo. Além de iniciativa pioneira em turismo inclusivo, o projeto demonstrou possuir grande potencial agregador para a convivência solidária com as limitações humanas. Os diários de bordo foram validados enquanto importante fonte complementar de aprendizado das temáticas junto ao seu público e, mediante pequenas adaptações, tem potencial para ser utilizado independentemente da experiência do projeto. A equipa técnica do projeto, responsável pelo seu detalhamento e desenvolvimento foi formada por pessoas visuais, cegas, de baixa visão e surdas, trabalhando ativamente em todas as suas fases. Um avanço declarado deu-se junto às equipas receptoras de turistas dos monumentos contemplados, que se familiarizaram com o chamado “Público Especial” e com os procedimentos adequados para sua segurança e usufruto das atrações apresentadas.

Limitações | A maior parte dos espaços físicos componentes do roteiro turístico, por se tratar de monumentos tombados enquanto património material e sujeitos a curadorias pouco flexíveis na exposição dos seus acervos artísticos, possui implicações relacionadas com as intervenções de acessibilidade necessárias ao pleno acesso não somente do público com deficiência visual, mas também das pessoas com dificuldades de locomoção diversas. O maior exemplo é o palácio do Itamaraty, sede do ministério brasileiro das relações exteriores, que possui tapetes centenários dispostos pelo caminho e a famosa escada helicoidal de autoria de Oscar Niemeyer, sem nenhuma espécie de proteção lateral e com registos de acidentes protagonizados por funcionários e visitantes. Neste sentido, o desempenho atento das atribuições por parte dos guias de turismo e monitores, sob orientação expressa de um consultor em mobilidade, foi premissa essencial ao desenvolvimento dos percursos. Como os usos e funções destes espaços são múltiplos, obstáculos e fatores que comprometem a mobilidade nem sempre podem ser previstos com antecedência, a citar o salão verde do palácio do congresso nacional brasileiro, onde frequentemente há fiações de equipamentos de filmagem utilizados pelos veículos de mídia e grande fluxo de pessoas, potencialmente causadores de incidentes. Como o toque não faz parte das práticas habituais junto às obras eleitas para experiências táteis, estas raramente são higienizadas. Para as pessoas com deficiência visual, sujar demasiadamente as mãos trata-se de grande inconveniente, uma vez que o valor dado ao seu uso ultrapassa as noções dos que possuem a visão ativa. Outro inconveniente é a presença de obras que podem ser danificadas com a sujidade, a citar uma réplica da escultura Nu Deitado, de Rembrandt, em gesso branco. Quanto ao material educativo adaptado para cegos, a aplicação da grafia braille e de volumes, texturas e contrastes em vernizes, que proporcionam a percepção tátil bidimensional, ainda não é amplamente praticada por gráficas brasileiras, o que tornou o diário de bordo oneroso, limitando a sua tiragem.

Conclusões | Brasília é uma capital peculiar, com especificidades que justificaram o seu reconhecimento enquanto património cultural da humanidade. O conjunto formado pelo seu urbanismo e arquitetura modernistas, associado a elementos artísticos diversificados, soma aspetos à leitura da cidade, nem sempre apreendidos por um observador desatento. Apresentar a essência deste conjunto a um público genérico constitui por si só um desafio. Em processos de roteirização para pessoas com deficiências, as noções de acessibilidade são ampliadas, não se limitando às possibilidades de deslocamento seguro nas rotas estabelecidas: é primordial prever o acesso à gama de experiências que cada espaço proporciona. Neste sentido, a inclusão de pessoas com deficiência na construção e validação dos produtos turísticos garantiu a contemplação das principais demandas e expectativas investigativas deste segmento social. A leitura de objetos e espaços enfatizando sensações que transcendem a visão tem-se mostrado uma prática de sucesso e ampla repercussão, que merece aprofundamento para sua consolidação e aceitação inclusive junto ao público de pessoas com a visão saudável. Na atualidade a equipa está envolvida em laboratórios de potencialização da percepção ambiental e no uso de outras sensações (olfato, audição e paladar) em práticas turísticas.